

África Festival em Lisboa

Paula Nascimento*

O África Festival-Lisboa nasceu da vontade política de integrar uma programação sobre África nas Festas de Lisboa. Foi a primeira e única iniciativa de músicas africanas organizada em Portugal com carácter regular e projecção internacional. Foram realizadas três edições: 2005/06/07, todas no âmbito das Festas de Lisboa, organizadas pela EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural da Câmara Municipal de Lisboa).

A iniciativa revestiu-se de enorme importância para Portugal como plataforma de interculturalidade, apoiando a divulgação de culturas africanas no mundo através da circulação de artistas, e colocou Portugal no circuito internacional de festivais de músicas do mundo (onde integram músicas africanas), auferindo em pouco tempo notoriedade e reconhecimento consideráveis, visíveis pela qualidade e estabilidade do programa ao longo das três edições, grande cobertura na imprensa nacional e internacional e vasto leque de público, indicadores de sucesso significativos.

Em 2005 os espectáculos apresentaram-se em Monsanto (Anfiteatro Keil do Amaral), e em 2006 e 2007 no jardim, frente à Torre de Belém. O emblemático espectáculo de Ali Farka Touré com Toumani Diabaté, em Monsanto, é talvez a referência máxima deste programa que apresentou uma paleta significativa da mais importante criação musical proveniente de África ou com raízes africanas: Baaba Maal, Tiken Jah Fakoly, Oumou Sangaré, Tcheka, Mayra Andrade, Tinariwen, Bassekou Kouyaté, Cheikh Lô, os Músicos do Nilo, Bonga, Tito Paris, Waldemar Bastos, Paulo Flores, Lura, Manecas Costa e Ray Lema, entre muitos outros.

O África Festival homenageou uma faceta importante da identidade portuguesa e lisboeta, preconizado uma abordagem descomplexada e livre de estereótipos. Propôs um espaço de conhecimento, informação e diálogo entre pessoas de diferentes origens e culturas. O conceito de programação, pioneiro em Portugal, considerou a participação de todos os países africanos (não apenas de expressão portuguesa), bem como de todos os africanos: os que vivem em África, na diáspora, e os afro-descendentes. Contribuiu para a criação de novos públicos, promovendo o aumento do consumo destes géneros musicais. Os artistas ganharam espaço de apresentação em Portugal e hoje podemos assistir a espectáculos de artistas como Toumani Diabaté, Oumou Sangaré ou Ray Lema, em salas de referência como o Centro Cultural de Belém em Lisboa ou a Casa da Música no Porto.

* Gestora Cultural, Programadora e Directora do África Festival

Para a criação de novos públicos, a estratégia implicou um modelo de gratuidade nos primeiros anos, como o Festival de Músicas do Mundo de Sines. Com uma audiência média de 10.000 espectadores por dia no palco ao ar livre, onde decorriam os grandes espectáculos, o África Festival reunia um público muito heterogéneo – de diferentes origens, idades, classes sociais e interesses culturais – interessado, crítico e participativo. Envolveu as comunidades africanas, a comunidade autóctone, outros estrangeiros residentes e turistas, verificando-se grande participação de famílias. Pessoas que gostam de música e de conhecer culturas diferentes.

Centrado na música mas sensível às demais disciplinas artísticas, o festival abriu espaço a outras expressões: cinema, artes plásticas, fotografia, dança, literatura e teatro, formação, espaços de diálogo, informação e reflexão. A edição de 2007 deu uma nova dimensão ao festival alargando o calendário para 11 dias de programação e integrando o Cinema São Jorge, que reuniu 5.388 espectadores numa semana. Imediatamente após a última edição (2007), a EGEAC retirou o evento da programação das Festas de Lisboa. Passados três anos, o África Festival vive ainda com saudade na memória das pessoas e da cidade.

